

fista, soldado por vocação, por amor às Armas; pacifista por sua impecável formação humanística. Político e ao mesmo tempo estadista — político por desejar também no seio dos representantes do povo dar uma lição da sua brasilidade; estadista por sua dimensão de líder inato. Aqui, no Senado, certamente seria o local apropriado para que o Duque de Caxias pudesse ver reconhecida a sua grande obra de patriota e de soldado. Por isso mesmo, Excelência, é de muito agrado do Partido Popular vê-lo na tribuna exaltar a figura do "Patrão do Exército Nacional". Digo a V. Ex^a que o nobre colega fala também pela Bandeira do Partido Popular, que, com muita alegria e muita honra, saúda o Senador e o Soldado Imortal da História da nossa Pátria.

O SR. NELSON CARNEIRO (PMDB — RJ) — Muito agradeço as palavras do eminente Líder do Partido Popular, que são uma contribuição à exaltação da memória daquele que tanto serviu ao Brasil e que hoje reverenciamos nesta Casa. Seu aparte ilustra estas modestas considerações.

Caxias conheceu as alegrias fugazes que a atividade política propicia, Senador, Ministro, Presidente do Conselho, e verteu, como todos, seu cálice de amargura. Em política, não há ascensão sem declínio. Esse incessante subir e descer é o caminho reservado a todos aqueles a quem seduz e escraviza. Militar, filho e neto de militares, tantos deles convocados para atividades civis, mesmo de sobrecasaca, parecia vestir o uniforme de campanha. Como Malraux disse de De Gaulle, o Duque de Caxias, à paisana, era o Duque de Caxias.

Aquele pretense, e até sincero, horror à política, e que a ela tem trazido pelo voto popular tantos valores militares, um dia se converteu em vontade. Caxias queria integrar o Senado como representante do povo gaúcho, Província que então presidia, terminada a gloriosa epopéia dos Farrapos, mercê do acordo ajustado com David Canabarro, Sousa Neto e João Antônio Carmo, e cuja primeira condição fora "anistia geral e plena para todas as pessoas envolvidas na rebelião". O Pacificador ainda uma vez ensinou o caminho da reconciliação, o roteiro da paz: — anistia geral e plena! Tem razão José Honório Rodrigues: — "A ambição política é uma virtude e não um vício". E foi essa virtude que trouxe a esta Casa, para honrar suas nobres bandeiras, Luiz Alves de Lima e Silva. Não indaga quem serão seus companheiros na lista tríplice, de onde, vitorioso nas urnas, o retira D. Pedro II, para preencher a cadeira que há 11 anos Pedro Soledad deixara vaga.

O fato de não ser dia útil impediu que essa homenagem se realizasse a 11 de maio, que foi nessa data, em 1846, que o então Conde de Caxias prestou juramento como Senador, e encontrou, entre os colegas da bancada fluminense, o ex-Regente Lima e Silva, seu venerando pai.

Ao assumir o mandato, "nenhuma espada colhera louros comparáveis aos seus, como anotou Batista Pereira. Todas as suas campanhas refletiam um alto espírito de humanidade, moderação e justiça. Ninguém no Brasil teve mais que ele a consciência de que a generosidade é a nobreza do uniforme, a última e a mais preciosa de suas divisas".

Conservador num regime bipartidário, em constante flutuação e alternância, Caxias conheceu contestações, enfrentou críticas, integrou, presidiu e viu cair gabinetes. Essas batalhas eram necessariamente diferentes daquelas outras, em que sua estrela não deixara de brilhar. Mas, para exaltação dos homens públicos do Império, ainda que divididos pelas paixões mais incruentas, há um instante em que sobrepára sobre todas as divergências o interesse nacional. O grande Zacarias, Chefe do Partido Liberal, vai à procura de Caxias, para confiar-lhe o comando supremo das forças do Prata. E na primeira reunião do Conselho a que comparece, o conservador Caxias afirma: — "A minha espada não tem partidos". Não é uma frase. É uma legenda.

E quando, já alquebrado, mais pela doença do que pela idade, tem de repelir afrontas atiradas à sua honra, volta à tribuna do Senado para fazer sua defesa perante a Nação, que ele pacificara. É da Imitação de Cristo: — "Julgas talvez que os homens do Mundo pouco ou nada têm que sofrer? Nenhum encontrará sem sofrimento, ainda que interrogues os que vivem nas maiores delícias".

Na sessão em que esta Casa tomou conhecimento da morte do Duque de Caxias, o Senador Manoel Francisco Correia afirmava que "nenhum brasileiro pode aspirar a mais alto nome entre os servidores da Pátria". "Nos tristes dias de lutas fratricidas, foi ele sempre tão benévolo com os adversários, como generoso para com os vencidos".

Natural, pois, que os representantes do povo que hoje integram o Senado Federal se reúnam, com os ilustres visitantes, para tributar ao Duque de Caxias, no centenário de sua morte, o culto da admiração e o preito do reconhecimento. Manda-me o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, e

já agora também em nome do Partido Popular, que encerre esta desataviada oração com as palavras com que o então Marquês de Caxias apresentava o Gabinete de 8 de março de 1861 ao Senado Federal: — "Entendo que presentemente o País quer, sobretudo, a rigorosa observância da Constituição e das leis e a mais severa e discreta economia dos dinheiros públicos, atentas as circunstâncias do nosso atual estado financeiro." (Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Como tão bem disseram e acenuraram os oradores que acabam de falar em nome do Senado da República, hoje realmente nos enalteçemos tributando esta homenagem à memória do Duque de Caxias, pelo transcurso do centenário da sua morte.

Não há — creio — em toda a História do País, uma vida que possa ser comparada à do Grande Soldado e do Grande Estadista. Reúne Caxias, ao longo de uma extensa existência, durante a qual, por 35 anos, teve assento nesta Casa, as mais peregrinas virtudes de cidadão e de soldado.

Pediria mesmo licença para dizer que a grandeza de Caxias não está apenas em ser o Patrão do nosso glorioso Exército. Foi a sua grandeza que o fez Patrão do grande Exército Brasileiro.

Por toda a vida, desde a sua juventude, como se fosse — e ele assim se acreditava — esculpido pela Providência teve ele a ventura de estar permanentemente a serviço da Pátria, fosse para a preservação da sua unidade, como o fez durante tantos e tão longos anos, fosse para defender a integridade das nossas fronteiras. Foi ele, assim, um cidadão realmente incomparável. Não há ninguém, na nossa História, que, tendo uma vida tão extensa quanto a de Duque de Caxias, se possa vangloriar de não ter, durante essa longa existência, deixado de ser, desde a sua mocidade até a sua velhice, um denodado servidor da Pátria. Ele não é o herói de um episódio, não é o herói de um fato isolado, não é o vencedor de uma batalha ou de uma guerra. Não, ele é o permanente servidor do Brasil, é o permanente servidor da Pátria, à qual, indomidamente, dedicou toda a sua existência.

É por isto que, passados cem anos da sua morte, o Senado da República se sente enaltecido em reverenciar-lhe a memória.

Guerreiro ele o foi, realmente. Certamente, o maior General da América. Não há nenhum general no nosso continente que possa se comparar ao Duque de Caxias, seja pela bravura, seja sobretudo pela competência, pela capacidade, pelos dotes do extraordinário estrategista que soube, pela inteligência, pela capacidade de disciplina, organizar as forças brasileiras que naquele momento encontraram realmente um grande chefe, e esse grande chefe foi Duque de Caxias.

Bastaria esse fato, bastaria esse episódio para que o Brasil jamais deixasse de lhe reverenciar a memória e de agradecer-lhe os feitos heróicos e patrióticos.

Mas, ele não se limita a isso; ele não é apenas o guerreiro, ele é sobretudo o grande estadista, o homem que era prudente na paz, que era bravo na guerra e, sobretudo, generoso na vitória.

Foram esses atributos que fizeram realmente do Duque de Caxias o grande cidadão, não somente o grande soldado, talvez o maior soldado da América, mas também o cidadão incomparável que não podemos medir com qualquer outro da nossa Pátria.

Durante 50 anos, vale dizer, durante mais de meio século, Caxias jamais deixou, por um minuto sequer, mesmo quando doente, na guerra ou onde estivesse, na juventude ou na velhice, de estar a serviço do Brasil.

Por isso, aqui nos reunimos hoje e estamos orgulhosos não somente por ele, mas por sabermos que durante cerca de 35 anos esteve ele nesta Casa, honrando as suas bandeiras, servindo como cidadão, do mesmo modo como servira ao Brasil como soldado.

Congratulo-me, portanto, com o Exército Nacional por ter como Patrão, como sua figura de paradigma, a sua figura estelar, o Duque de Caxias. Ele será permanentemente, não só para o Exército, mas também para todos os brasileiros, um paradigma de serviço, de patriotismo e de dedicação à Pátria.

Quero, neste momento, agradecer aqui a presença do eminente Sr. Ministro interino do Exército, General Ernani Ayrosa da Silva; do Comandante Militar do Planalto, General Heitor de Almeida; do Secretário-Geral do Ministério do Exército, General Heraldo Tavares Alves; do Inspetor-Geral das Polícias Militares, General Harry Alberto Schnardorff; do Reitor da Universidade de Brasília, Professor José Carlos Azevedo, bem como de todos os Senhores Oficiais que nos honraram com a sua presença, nesta sessão. Desejo agradecer o seu comparecimento por terem se associado a nós na homenagem que acabamos de prestar ao incomparável cidadão, ao grande soldado, o Duque de Caxias. (Muito bem! Palmas.)